

História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação

Regina Horta Duarte ¹

RESUMO

Este ensaio visa apresentar o estado da arte dos estudos sobre animais realizados pelos historiadores no Brasil. Sérgio Buarque de Holanda identificou uma tradição cultural luso-brasileira, na qual predominou uma relação de extrema imprevidência e antropocentrismo em relação ao mundo natural e, conseqüentemente, aos animais, desde os primeiros anos de colonização do território. Frente ao caráter inovador de algumas obras de Sérgio Buarque no tratamento dos animais, e da reconhecida importância desse historiador, é surpreendente que esse aspecto tenha sido obscurecido pela historiografia brasileira entre os anos 1960 e os 2000. Em anos recentes, os animais têm invadido o horizonte de interesse dos historiadores. Não obstante, ainda não se pode falar num campo de estudos sobre animais realmente bem estabelecido na historiografia brasileira. A conclusão discute as possíveis razões dessa lacuna.

Palavras-Chave: História dos animais; Historiografia brasileira; Sérgio Buarque de Holanda.

¹ Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. reginahortaduarte@gmail.com

PREGANDO AOS PEIXES

O padre jesuíta Antônio Vieira seguramente calculou com minúcia os possíveis impactos dos seus argumentos e de sua retórica ao escrever o “Sermão de Santo Antônio aos peixes” – ele que era consagrado por seu poder oratório. Proferido em junho de 1654, em São Luís do Maranhão, o sermão ecoou num contexto de conflitos entre jesuítas e colonos portugueses em torno das relações com os indígenas. Se os colonos realizavam expedições para capturar nativos e escravizá-los ilegalmente nas árduas lides nas plantações de tabaco e na coleta das chamadas *drogas do sertão*, os jesuítas se esforçavam para manter seu estatuto de homens livres garantido oficialmente pela Coroa Portuguesa. Nas lides como escravos, sucumbiriam rapidamente, e suas almas seriam perdidas para o demônio. Mas uma vez reunidos nas missões, seriam educados nos princípios cristãos, garantindo a salvação de suas almas. Para Vieira, tratava-se também de salvar os colonos pois, atuando naquela região desde janeiro de 1653, avaliava que também esses viviam na escuridão, sem doutrina e sem sacramentos, tendo o Inferno como destino certo. Assim, além de reforçar as denúncias que enviara nas cartas ao rei português D. João IV sobre a situação de seus súditos no Estado do Maranhão e Grão Pará, Vieira conclamava localmente os colonos à obediência aos princípios religiosos e às decisões da Coroa sobre a liberdade dos indígenas. Diante das dificuldades que enfrentava em São Luís, o padre decidiu ir a Portugal para conversar com D. João IV pessoalmente, mas apostou na estratégia de semear a palavra antes de partir².

Todo o sermão se estruturava a partir da alusão inicial à Santo Antônio de Lisboa (1195–1231) que, cansado da indiferença dos hereges aos ensinamentos da fé, voltou suas costas aos homens e decidiu pregar aos peixes. Para Vieira, nenhum ser vivo era mais distante dos homens que os peixes. Teriam sido eles os primeiros

² O Estado do Maranhão e do Grão Pará abarcava toda a região norte do Brasil, entre 1621 e 1772, com administração própria e relações diretas com Lisboa. Sérgio Buarque de Holanda, *A época colonial, do descobrimento à expansão*. História Geral da Civilização Brasileira, tomo I, vol. 1 (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997). Sobre o Padre Vieira e sua trajetória política e religiosa, ver: Alcir Pécora, *Teatro do sacramento* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Campinas: Editora da Unicamp, 2016), Ronaldo Vainfas, *Antonio Vieira: jesuíta do rei* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011); Ernani Mügge e Daniel Conte, “Sermão de Santo Antônio aos peixes, ou a metáfora do imaginário colonial português”, *Navegações*, v. 10, no 2 (2017):131-140. É importante destacar, com Pécora e Vainfas, que a defesa dos jesuítas da liberdade dos indígenas não se originava em qualquer relativismo cultural, ou tampouco a consideração da alteridade indígena. Antes, Vieira era um “colonizador de almas”. Vainfas, *Antonio Vieira*, 199.

animais criados por Deus na face da terra, mas permaneciam como os mais indomáveis, verdadeiramente indomesticáveis, não havendo “nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele”. Nem mesmo nos sacrifícios religiosos eram utilizados, já que era desejável que os animais chegassem vivos aos altares, e isso era mais difícil em se tratando de peixes. Essa distância valeu-lhes serem poupados da grande mortandade causada pelo dilúvio, pois Deus escolheu um castigo que não os atingiu e, segundo explicara Santo Ambrósio, o Criador os isentara pelo simples fato de viverem completamente alheios aos pecados humanos.

Inicialmente, Vieira elencava exemplos de como os peixes podiam ser bons, chegando a comparar Santo Antônio com esses animais. No Antigo Testamento, um peixe salvou o pai de Tobias de sua cegueira. No Novo Testamento, peixes mataram a fome de Cristo e seus seguidores. Desde sempre, as sardinhas constituíam o mais frugal alimento dos pobres. Recorrendo a exemplos da fauna local daquela região do Brasil, Vieira elogiava qualidades como a persistência e a força de vontade, tal como identificava nas rêmoras que se grudavam aos cascos dos navios para vencer distâncias e desafios. Ressaltava a prudência e fé, evocando o exemplo dos peixes-4-olhos, que vigiavam simultaneamente a superfície e as profundidades, como o cristão zeloso que devia mirar as promessas do Céu e temer as armadilhas do Inferno profundo³. O orador, entretanto, na sequência da argumentação, desenvolvia com minúcia exemplos de outros animais aquáticos aos quais atribuía atitudes condenadas pela Igreja e tipicamente humanas. Nos roncadores, identificava arrogância e orgulho; nos pegadores, oportunismo; nos polvos, dissimulação e deslealdade, entre outros⁴.

³ Ver, respectivamente: Antigo Testamento, Tobias, cap. 6; Novo Testamento, Mateus 14: 15-21. Rêmoras são peixes da família Echeneidae, cuja barbatana em forma de ventosa possibilita sua fixação em outros animais ou superfícies, ao que aumenta seu potencial migratório. Torpedos são peixes da família Torpedinidae que produzem corrente elétrica, paralisando seus predadores. Os “4-olhos” pertencem à família Anablepidae, sendo duas espécies encontradas na região onde Vieira então vivia, a *Anableps anableps* e a *Anableps microlepis*. Eles possuem apenas dois olhos, cada um com uma dupla estrutura, aérea e aquática. Ver Valéria Oliveira, Nelson Fontoura e Luciano Muntag, “Reproductive characteristics and the weight-length relationship in *Anableps anableps* (Linnaeus, 1758) (Cyprinodontiformes: Anablepidae) from the Amazon Estuary”, *Neotropical Ichthyology*, v. 9, no 4 (2011): 757-766.

⁴ Roncadores integram, entre outros, a família Haemulidae, comum nas costas do Atlântico brasileiro, especialmente a *Anisotremus virginicus*. O ruído do ronco é produzido pelo o atrito dos dentes. Entre os voadores, as espécies mais comuns no Brasil são *Cypselurus cyanopterus* e *Hirundichthys affinis*. Ver Andrea de Araújo e Sathyabama Chellappa, “Estratégia reprodutiva do peixe voador, *Hirundichthys affinis* Günther”, *Revista Brasileira de Zoologia*, v. 19, no 3 (2002): 691-703. Paradoxalmente, os peixes pegadores dificilmente podem ser distintos das rêmoras inicialmente elogiadas, pois todos se fixam a outros peixes maiores com suas ventosas. Acredito que a distinção de Vieira em dois momentos diferentes do discurso é apenas um recurso retórico.

O que se torna claro ao leitor atento é que o *Sermão aos peixes* não é sobre animais ou sobre as relações dos seres humanos com eles, mas é tão somente sobre os homens que Vieira queria arrancar da insensibilidade. Virar-lhes as costas era um recurso radical para despertar sua atenção, contando fábulas que incitavam o arrependimento e a obediência aos princípios cristãos e às leis portuguesas. Além do conteúdo religioso mais estrito, o sermão de Vieira – como tantos que compôs – era uma peça política, social e cultural no intrincado jogo da colonização da América Portuguesa.

A defesa da liberdade indígena em nada contrariava o eurocentrismo de suas palavras e ações – pois tratava-se de garantir a salvação de suas almas, devolvendo-lhes sua suposta centelha divina e “verdadeira” natureza humana. Na mesma lógica, as representações que ele tecia sobre os peixes expressavam o profundo antropocentrismo característico da cultura lusa em relação ao mundo natural. Isso é especialmente significativo à luz da importância de Vieira ao longo de todo o século XVII da história do império português. Como afirma Pécora, além do uso extraordinário da língua portuguesa, ele protagonizou ou participou de alguma forma, ao longo de sua longa existência entre 1608 e 1697, de inúmeros eventos históricos cruciais: a União Ibérica e a Restauração Portuguesa (1580-1640), missões diversas da Companhia de Jesus na América, a invasão holandesa no Brasil, o exercício da diplomacia portuguesa em vários cantos do mundo, a Inquisição, a literatura, as querelas da escravidão e da liberdade das populações indígenas. Vieira foi um personagem chave para quem se debruça sobre história do Império Português setecentista. É pertinente, pois, argumentar que seu antropocentrismo é expressivo do lugar social do qual foi enunciado⁵.

O conhecimento de Vieira sobre o mundo natural –expresso no conhecimento sobre os peixes utilizado no sermão citado– não era uma exceção entre jesuítas. Alguns biólogos consideram alguns escritos jesuítas como os primeiros estudos de história natural no Brasil, não apenas pelas informações morfológicas, mas também pelas notas sobre ecologia e comportamento animal,

⁵ Pécora, *Teatro do sacramento*. Sobre o conceito de lugar social, ver Michel de Certeau, *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982), 66.

mesmo que muitas vezes misturadas a lendas e mitos. Em 1560, muito antes do *Sermão aos peixes*, Padre Anchieta escreveu a *Carta de São Vicente* enquanto trabalhava na catequese dos índios da capitania de mesmo nome, situada no sudeste da colônia, numa área integrada ao denso maciço florestal posteriormente nomeado de Mata Atlântica. Dirigida ao Padre Geral, narrava coisas dignas de admiração ou desconhecidas daquela parte do mundo. Anchieta descreve peixes, mamíferos aquáticos e terrestres, répteis, insetos, aves, descrevendo características variadas sobre cada um. Uma das avaliações predominantes sobre os animais elencados versava sobre sua utilidade como alimento. Assim, os papagaios eram “todos bons para se comerem”; o mel era farto e produzido por “quase vinte espécies diversas de abelhas”; formigas iças tostadas constituíam deleitável e saudável iguaria, as infinitas multidões de macacos eram “todas mui próprias para se comer”; o boi marinho ou iguarará era “excelente para comer-se” e sua gordura, uma vez levada ao fogo, produzia um excelente molho comparável à manteiga; o tamanduá era “saborosíssimo”, seu sabor semelhante “à carne de vaca, sendo todavia mais mole e macia” e assim por diante⁶.

Distantes quase um século, os escritos de Anchieta e Vieira convergem na mesma lógica antropocêntrica de falar dos animais tão somente em função dos seres humanos, mesmo que a sofisticação do pensamento político-teológico de Vieira se distancie do utilitarismo prosaico de Anchieta. O que se delineava nesses enunciados integrava uma rede ampla em que outros escritos e crônicas de autores portugueses construía e ofereciam imagens sobre o novo mundo, disseminando ideias, criando realidades.

ROMPENDO TRADIÇÕES

Em seu livro clássico *Visão do paraíso*, publicado em 1959, o historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda analisou comparativamente as concepções de

⁶ Cândido de Mello Leitão, “Os jesuítas e a biologia no Brasil – conferência na Academia Brasileira de Ciências, no IV Centenário da Companhia de Jesus”, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1940. Clayton Ferreira Lino, “Prefácio” in Padre José de Anchieta, *Carta de São Vicente, 1560* (São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, Instituto Florestal, Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, UNESCO, 1997), 7-8; Anchieta, *Carta de São Vicente*, 13-29. Segundo nota de Mário Olivério à edição citada, o boi marinho citado é o *Trichechus manatus* Lin., 1758, por ser peculiar à região do litoral Atlântico.

mitos edênicos logo após os descobrimentos. Esse autor argumentou que a *forma mentis* lusitana – tal como expressa desde a carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rey, escrita em maio de 1500, até meados do século XVII, ou um pouco mais – gerava descrições da natureza dominadas pelos padrões conservadores e arcaicos do pensamento medieval, pela resignação e fatalismo alheios à curiosidade universal tão marcante no humanismo ascendente em outras partes da Europa⁷.

Holanda realizou um estudo comparativo, explorando as mentalidades, confrontando visões edênicas dos conquistadores europeus ao se depararem com a natureza tropical e seus povos nativos. Os anglo-saxões chegavam à América do Norte com a expectativa de construir um paraíso, e cada fundação era como a semente de um Éden reinaugurado na terra pelas mãos dos homens. Os espanhóis buscavam, nas novas terras, retornar ao paraíso perdido. Diferentemente, os portugueses agiam dominados por uma mentalidade arcaizante, decorrente de seu processo histórico precoce de formação do Estado absolutista. Construíram uma nação alheia aos voos do pensamento renascentista, presos a uma “resignação ao real e ao imediato, essa cautelosa e pedestre razão lusitana”⁸. Tomaram os mitos edênicos predominantemente em seus aspectos mais evidentes, numa visão quase desencantada. A exploração da colônia se fez sem projeto, sem plano, sem método, por práticas individualistas e aventureiras que visavam ganhos imediatos, numa lógica de colher o fruto sem plantar a árvore, da recompensa sem o esforço, da exploração desleixada da natureza ao sabor das conveniências, deixando um legado de destruição, numa obra ultramarina “eminente tradicionalista”⁹.

Para Sérgio Buarque, as raízes ibéricas permaneciam na sociedade brasileira, em muitos “eldorados”: do açúcar, das minas, do tabaco e de uma sucessão de outros gêneros agrícolas extraídos da terra fértil até que ela se torne infértil, do

⁷ Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, 6a ed. (São Paulo: Brasiliense, 1994), 5. A primeira edição dessa obra é de 1959.

⁸ Holanda, *Visão do Paraíso*, 106. O pioneirismo de Holanda na análise das mentalidades, para Lima, decorre da leitura do alemão Ernst Robert Curtius. Para Reis, a grande influência é Weber e seu modelo teórico sociológico. Luiz Costa Lima, “Sérgio Buarque de Holanda: Visão do Paraíso”, *Revista USP* no 53 (2002): 42-53; José Carlos Reis, “Sérgio Buarque de Holanda: a superação das raízes ibéricas” in *As Identidades do Brasil* (Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999), 115-143.

⁹ Holanda, *Visão do Paraíso*, 316. Ver ainda: Renato Martins, *Tradição, modernidade e a história das Américas em Visão do Paraíso* (PhD Dissertation, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017), 55, 101, 312; André Furtado, *Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado* (PhD Dissertation, Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018), 257.

ouro que se extrai até o esgotamento, tudo isso sem permanência de benefícios que não o do fortalecimento dos interesses das elites oligárquicas. Essa “procissão de milagres” perdurou por todo o período colonial, não foi interrompida pela Independência, nem sequer pela República¹⁰. Para o autor, tratava-se de superar as raízes ibéricas, de construir novos valores e práticas para a sociedade brasileira, de romper, enfim, com um passado que as elites incessantemente reinventam e reinauguram no presente, sufocando outras possibilidades para o futuro.

Voltando ao antropocentrismo e o utilitarismo dos escritos de Anchieta e Vieira ao se referirem aos animais das diferentes regiões da colônia onde atuaram em suas missões catequizadoras, é possível situar sua relação com os animais no âmago das referências culturais compartilhadas pela sociedade luso-brasileira. Colonizadores e colonos moviam-se no projeto de domínio imperial que cobiçava territórios, almas e corpos indígenas, assim como toda a riqueza existente nos rios e solos, incluindo metais preciosos, plantas e animais. Para tanto, milhões de homens e mulheres africanas foram compulsoriamente adicionadas à história da conquista colonial.

No caso específico dos animais não humanos – mencionados e descritos nas estratégias de conversão das almas ao catolicismo ou em sua utilidade para os colonos luso-portugueses – permaneceram sem agência nem sentido próprio na tradição escrita dos séculos XVI e XVII. Numa hipertrofia da separação ocidental e cristã entre homem e natureza, a tradição cultural portuguesa aprofundou o fosso dualista que relegava os animais à condição inferior, objetos a serem manipulados e usados em proveito humano, já que criados por Deus para seu usufruto e subordinação¹¹.

¹⁰ Holanda, *Visão do Paraíso*, 334. Se hoje estivesse vivo, Holanda se depararia com um Brasil da soja e do gado que avança de forma impiedosa sobre o bioma cerrado, dos garimpos ilegais na Amazônia e da sede de exploração de minérios nas reservas indígenas, da derrubada da floresta por madeireiros ilegais, das grandes explorações siderúrgicas e seu rastro de destruição ambiental, como ocorreu na explosão das barragens de resíduos de minérios nas cidades mineiras de Mariana (2016) e Brumadinho (2019).

¹¹ No caso específico aqui tratado, o legado português e colonial teria aprofundado – na interpretação de Buarque de Holanda - o que foi conceituado por Plumwood como “standpoint of mastery”, um dualismo racional no qual o mundo natural aparece subordinado ao homem. Essa autora ressalta a marca do patriarcado, pois mulheres, indígenas e animais acabam englobados na visão predominante construída sobre o mundo natural. Segundo ela, “the category of nature is a field of multiple exclusion and control, not only of non-humans, but of various groups of humans and aspects of human life which are cast as nature.” Val Plumwood. *Feminism and the Mastery of Nature* (New York: Routledge, 1993), 4. Da mesma autora, ver também *Environmental Culture: The Ecological Crisis of Reason* (New York: Routledge, 2002), 12. No caso do Brasil, seria possível incluir os africanos e seus descendentes, transportados e comercializados como objetos para trabalharem na empreitada colonial.

Ao apontar o caráter retrógrado da tradição lusa e sua permanência ao longo da história brasileira, Sérgio Buarque construiu interpretações sobre o Brasil que visavam deliberadamente romper com essa *forma mentis*. Se *Visão do Paraíso* remetia especialmente aos séculos XVI e XVII, outros de seus livros exploraram diferentes épocas. Em 1945, o autor publicou *Monções*, onde analisou a expansão geográfica no Brasil do século XVIII. Em 1957 publicou *Caminhos e Fronteiras*, discutindo a expansão dos bandeirantes nos séculos XVIII e início do XIX¹². Em todos eles, o autor inaugurou uma linha original de pensamento sobre as relações entre a sociedade e natureza quase nunca suficientemente reconhecida pelos seus analistas posteriores, fundando uma tradição historiográfica extremamente comprometida com a transformação, num claro exemplo de como a operação historiográfica é simultaneamente um discurso e uma prática¹³. O enfoque que esse historiador reservou aos animais é especialmente estimulante, em páginas de especial interesse para a atual e emergente história dos animais.

SÉRGIO BUARQUE E OS ANIMAIS

Sérgio Buarque de Holanda narrou a expansão territorial e as expedições dos bandeirantes por largas extensões de matas tropicais e cerrados no centro-oeste do Brasil, abordando aspectos cruciais da natureza material da vida humana em suas relações com a cultura, a movimentação humana sobre o território, as relações sociais, os valores morais, as formas de produzir, comer e vestir. Esses temas guiam as interpretações de *Monções* e *Caminhos e Fronteiras*, obras fundamentadas em ampla documentação de arquivos, cronistas e relatórios de autoridades.

Avançando em estreitas canoas pelos “caminhos que andam” – os rios – ou caminhando descalços como os indígenas, mas com grossas roupas de couro pela mata, os sertanistas e bandeirantes tinham que aprender e dominar um “rústico alfabeto” para leitura do meio natural, com todos os seus limites e possibilidades. Beneficiaram-se amplamente dos saberes indígenas. A necessidade vital de

¹² Sérgio Buarque de Holanda. *Monções* 3a ed. (São Paulo: Brasiliense, 2000); *Caminhos e Fronteiras* 3a ed. (São Paulo: Companhia das Letras, 1994). Nas próximas citações: Holanda, *Monções*; Holanda, *C&F*.

¹³ Certeau, *A escrita da história*, 78-86.

observação do entorno para sobreviver determinava que “os laços que unem o homem ao mundo ambiente” se estreitassem, configurando uma “comunhão assídua com a vida íntima da natureza”. A vegetação das matas e o curso acidentado e encachoeirados dos rios determinavam os tipos das canoas possíveis de serem construídas e utilizadas. No meio da mata, para vencer a sede, era preciso saber identificar árvores e plantas que serviriam como fonte de água. Havia também consequências sociais, pois dias a fio em embarcações no meio da mata fechada estimulavam a contenção dos comportamentos e o estabelecimento de regras e limites da convivência.

Na narrativa de Sérgio Buarque, o “mundo ambiente” não é só cenário para a ação humana, nem os animais são meros instrumentos passivos sob o seu poder. A complexa história da conquista das fronteiras envolve seres humanos, plantas, rios, animais e artefatos, em processos que não eram apenas de dominação do mundo natural, mas antes – como alerta Wegner – de adaptação, de aprendizado dos sentidos, de escuta dos ritmos dos seres da selva. Tampouco implicou necessariamente em práticas de conservação da natureza mas, como Sérgio Buarque aposta, pavimentou um novo modelo de civilização e modernização, diverso do individualismo e da imprevidência dos primeiros dois séculos de colonização¹⁴.

Animais são analisados, por Sérgio Buarque, como agentes em seu meio. Eles condicionam as ações humanas, impõem a observação, instigam o conhecimento, demandam soluções. Muitas vezes, o colonizador fracassa. A umidade da mata arruinava as armas de fogo que, simplesmente, paravam de funcionar, e deixavam os invasores sem defesa possível frente ao ataque de uma onça.

A interação com a vida animal constituía-se uma condição estratégica para a sobrevivência. Nas matas, que pareciam negar ao homem dos meios de subsistir, tornava-se essencial saber acompanhar o voo das abelhas e determinar “uma árvore de colmeia entre centenares de troncos”, distinguir os rastros de animais diversos, ouvir atentamente o menor ruído, proteger-se, caçar, pescar. Comiam-se içás

¹⁴ Robert Wegner, *A conquista do Oeste, a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000), 145-7, 211.

(diversas espécies formigas cortadeiras do gênero *Atta*), e larvas diversas. Pesca e caça também forneciam proteína e sabores.

Por outro lado, a ação dos animais também instaurava a ameaça de morte e de doença, em situações em que a fonte de alimento era o ser humano, que passava da condição de caçador à de presa. Piranhas arrancavam nacos de carne dos desavisados que ousassem banhar-se em certos rios. Mosquitos diversos, carrapatos e bichos de pé (*Tunga penetrans*) sugavam os caminhantes dia e noite, causando verdadeiros tormentos e podendo mesmo levar à morte, fosse por malária, febre amarela, ou até septicemia no caso de feridas que infeccionassem. Os invasores despertavam também as estratégias de defesa de certos animais: serpentes numerosas aterrorizavam mesmo os sertanistas mais atentos e experientes. Uma vez consumado, o ataque mobilizava uma miríade de práticas de cura, superstições, rezas e benzeduras, numa agonia humana resignada e estendida em vários dias. Jaguares se moviam pelas “brenhas com rapidez e agilidade extrema”, avançando em silêncio e precisão, atacando quando se sentiam ameaçados em seus territórios¹⁵. Nas áreas de ocupação humana a presença de gafanhotos e grilos destruía roçados, tornando os alimentos disponíveis para os humanos mais escassos. Ratos, baratas e pulgas causavam doenças, morcegos atacavam animais de criação.

À fauna nativa, os desbravadores acrescentaram espécies aclimatadas, como porcos, galinhas, bois, cavalos, gatos, cães, mulas, muitos deles servindo de agentes de dispersão de vários tipos de parasitas, ou transformando-se em vetores para insetos transmissores de doenças. Todos eles tornaram-se competidores da fauna nativa por espaço e comida. Toda uma farmacopeia se desenvolvia com utilização da fauna, mas também as grossas vestimentas de couro, os instrumentos de utilidade diversa, as redes os enfeites, os amuletos de chifres, dentes, unhas, cascos, ossos. Sérgio Buarque demonstra a presença dos animais em tudo: estavam presentes, vivos ou mortos.¹⁶

¹⁵ Holanda, *Monções*, 51, 101; Holanda, *C&F*, 36, 57, 95, 102-107. Walker, ao discutir as várias formas de intimidade e proximidade entre seres humanos e outros animais, fala da “intimacy of violence”, quando o ser humano é alimento e se transforma em energia para outro animal. Uma vez, puxado de volta ao metabolismo do reino natural, o ser humano é “ripped from the safe confines of cultural dominium”. Brett L. Walker, “Animals and the Intimacy of History”, in *The Oxford Handbook of Environmental History*, Andrew G. Isenberg ed, 52-75 (New York: Oxford University Press, 2014), 54. Ver também Val Plumwood, “Being Prey”, *Terra Nova* 1, no. 3 (1996): 32-44.

¹⁶ Holanda, *Monções*, 27, 165-168. Holanda, *C&F*, 60, 79-81, 91, 95, 102.

Em sua originalidade, Sérgio Buarque talvez tenha se inspirado na obra do historiador Capistrano de Abreu. Em 1907, Capistrano explorou as relações entre homens e animais na colonização, ao abordar a conquista dos sertões ao longo do vale do Rio São Francisco. O grande ator da expansão territorial fora o gado vacum, no contexto que o historiador denominou “civilização do couro”. De couro era o material presente nas portas das cabanas, nas redes, na cama para partos, nas cordas, nos alforjes, nas malas, nas bainhas de faca, na roupa para andar no mato, em tudo, enfim. Os encarregados de cuidar dos animais viviam muito próximos aos animais, dormindo muitas vezes com o gado, vigiando as vacas prenhes para que elas não parissem no mato e se perdessem, matando onças, morcegos e cobras que molestassem os animais. Nessas vastidões, havia muito mais gado que seres humanos, e a condução das boiadas levava esses homens e animais a percorrerem, juntos, largas distâncias, numa intimidade e convivência intensas¹⁷.

Três anos antes de Sérgio Buarque publicar *Monções*, em 1942, Caio Prado Jr. lançou *Formação do Brasil Contemporâneo*, no qual argumentou que a pecuária era um dos mais importantes capítulos da história brasileira. Não obstante ser um atento leitor de fontes arquivísticas, o fascínio de Caio Prado Jr pela geografia tornou-o um incansável observador de paisagens, e o trabalho de campo informou parte crucial de suas interpretações. Caio Prado traçou as diferentes áreas da pecuária na colônia, cada uma com condições naturais e técnicas de criação específicas, e na maioria delas constatou, desolado, a permanência, no exato momento em que escrevia, da produção extensiva e de baixa produtividade, com técnicas destrutivas de desmate e formação de pastos, com o uso de largas faixas de território sem ganhos econômicos e sociais efetivos¹⁸.

A despeito da relevância das análises de Capistrano e Prado Jr., apenas Buarque de Sérgio Buarque apresenta uma visão em que animais ganham destaque em si próprios, aparecendo como seres que conformam ações e reações humanas. Esse

¹⁷ João Capistrano de Abreu, *Capítulos de História Colonial*, 5a ed. (Brasília: Editora UnB, 1963), 147-148.

¹⁸ Caio Prado Jr. *Formação do Brasil Contemporâneo*, 1942 (São Paulo: Companhia das Letras, 2011), 195-221. Ver ainda: Paulo Henrique Martinez, *A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Jr.* (São Paulo: Edusp, 2008). Sobre os temas de história em natureza em Holanda e Prado Jr. ver ainda: Regina Horta Duarte, “Nature and Historiography in Brazil”, *Iberoamericana América Latina, España, Portugal* 3 no 10 (2003): 23-36.

legado instigante, como veremos a seguir, foi obscurecido pelas tendências historiográficas no Brasil, por várias décadas que se seguiram, a despeito do reconhecimento geral de Sérgio Buarque como um dos nossos maiores historiadores.

HISTÓRIAS SEM ANIMAIS

Os animais praticamente desapareceram na historiografia acadêmica brasileira. Ao longo dos anos 1960 e 1970, historiadores brasileiros realizaram valiosos estudos, enfrentando o contexto histórico de repressão e a supressão das liberdades individuais e de pensamento. As contribuições foram profícuas em áreas diversas, como teoria da história e historiografia (com grande pesquisadores como José Honório Rodrigues, Maria de Lourdes Janotti, Amaral Lapa, Carlos Guilherme Motta), história da escravidão (Emília Viotti, Kátia Mattoso), história econômica (Alice Canabrava, Fernando Novais, José Jobson Arruda), história agrária (Maria Yedda Linhares), história política (Raimundo Faoro, Francisco Iglésias, Bóris Fausto, José Murilo de Carvalho), história urbana (Eulália Lobo, Raquel Glezer, Maria Stella Bresciani), além de uma vertente mais profundamente marxista (Jacob Gorender, Nelson Werneck Sodré). Sérgio Buarque e Caio Prado permaneceram ativos, com grandes obras sobre história sócio-política-cultural e como atores essenciais da consolidação do campo historiográfico no país, mesmo em tempos sombrios¹⁹.

Na década de 1980, uma grande renovação historiografia ocorreu, com a relativização da ortodoxia estruturalista e marxista e, especialmente, com a emergência de novos atores na cena política. A anistia e o retorno de importantes intelectuais às academias brasileiras após anos de estudos nas universidades europeias e norte americanas, a ascensão dos movimentos sociais no Brasil, com destaque para as greves operárias de 1979, a fundação do Partido dos Trabalhadores (1980) e do Partido Verde (1986), o movimento das Diretas-Já (1984), a proximidade do centenário da abolição da escravidão (1988) provocando uma série de reflexões sobre a situação dos afrodescendentes na sociedade brasileira, enfim, uma série de eventos,

¹⁹ Essas vertentes historiográficas estão fora do interesse imediato do presente ensaio, não obstante sua importância inegável. Por isso, esta autora preferiu omitir os dados de edição das obras seminais de cada um desses historiadores.

processos, lutas e novidades demandaram os historiadores novas respostas, pesquisas e reflexões. Os intelectuais foram tomados de grande otimismo na capacidade criativa e transformadora da sociedade brasileira²⁰.

Seria difícil citar aqui todas os temas explorados desde então, mas o grande impulso inicial ocorreu em duas frentes principais. A história do movimento operário voltou-se para as condições de vida e trabalho e as estratégias cotidianas de luta contra a exploração. A história da escravidão renovou-se, catapultando os escravizados e seus descendentes ao papel de protagonistas da história, tocando numa pedra de toque do racismo arraigado na sociedade brasileira. As interpretações históricas conferiram nova complexidade às relações entre dominantes e dominados, privilegiando diversos atores como agentes políticos e sociais decisivos. Tratava-se de recuperar as falas e ações dos sujeitos históricos. Na sequência dos trabalhadores livres e escravizados, e especialmente a partir da década de 1990, os historiadores brasileiros voltaram-se também para os trabalhadores rurais (fossem lavradores, seringueiros, ou ainda os participantes dos vários movimentos milenaristas no Brasil, como Canudos ou Contestado), artesãos, indígenas, caricaturistas, artistas mambembes, ciganos, mulheres, homossexuais, “loucos”, cantores de rádio, crianças, estudantes, boêmios, sambistas, quilombolas. Uma pluralidade de vozes povoou a história do Brasil.

Atores não humanos demorariam, entretanto, a merecer a atenção dos historiadores. A história ambiental passou a ser feita no Brasil neste milênio com surpreendente desenvolvimento, especialmente se compararmos o que existia em 2008 (ano da realização da IV Simpósio da SOLCHA, em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais), com a atual comunidade acadêmica brasileira envolvida e com uma produção científica dinâmica, em 2019 (ano da realização do 3rd World Congress of Environmental History, em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina).

²⁰ Maria Celia Paoli, “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe na história operária brasileira”, in *Anais do Encontro da Associação Brasileira de Antropologia* (Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1982), 16-65; Eliana Dutra & Yonne Grossi, “Historiografia e movimento operário: o novo em questão”, *Revista Brasileira de Estudos Políticos* 65 (1988): 77-108; Angela de Castro Gomes, “Questão social e historiografia no Brasil pós-80: notas para um debate”, *Estudos Históricos* 34 (2004): 157-186.

Não obstante o rico contexto historiográfico da história ambiental no Brasil, a história dos animais ainda permanece um tema timidamente explorado no conjunto das pesquisas aqui realizadas.

ANIMAIS NÃO HUMANOS

O primeiro trabalho específico sobre história dos animais escrito por um historiador brasileiro parece ter sido o de Aprobato Filho, sobre os animais na cidade de São Paulo, nas primeiras décadas da República. Expressão da riqueza do ambiente historiográfico brasileiro contemporâneo, tão propício quanto receptivo à emergência de novas temáticas, o trabalho foi defendido como tese de doutorado em História Social, na Universidade de São Paulo, em 2007, e é quase desconhecido pelos historiadores ambientais propriamente ditos. Após um trabalho de mestrado sobre as sonoridades urbanas, esse historiador mostrou-se capaz de ouvir a historicidade dos sons dos animais não humanos, numa perspectiva que os ressalta como agentes nos contextos históricos. A tese foca animais nas suas relações com os poderes municipais, as instituições científicas, as novas tecnologias que mudaram as paisagens urbanas, e as práticas humanas diversas de sensibilidade e convivência. A história da capital paulista integrou um processo de ocultamento das relações entre a sociedade e a natureza pela ação modernizante das elites econômicas e com a mediação das tecnologias que, desde o final do século XIX, mudavam radicalmente o ambiente urbano. Com forte inspiração benjaminiana, a tese é um trabalho pioneiro, fundamentada em exaustiva pesquisa documental e em amplo e sofisticado diálogo com a literatura internacional sobre o tema²¹.

Outra historiadora que se dedica atualmente à história dos animais como foco principal de suas pesquisas é a autora do presente artigo. Após incursões mais experimentais sobre a história da relação entre o circo e seus animais, a sociedade

²¹ Nelson Aprobato Filho, "O couro e o aço: sob a mira do moderno, a 'aventura' dos animais pelos 'jardins' da Paulicéia, final do século XIX, início do XX" (PhD dissertation, Universidade de São Paulo, Brasil, 2007). doi:10.11606/T.8.2007.tde-16072007-113730

O autor demonstra como a obra do filósofo alemão é repleta de importantes notas sobre animais não humanos, especialmente Walter Benjamin, *Rua de mão única* (São Paulo: Brasiliense, 1993). Mais recentemente, o autor realizou um pós-doutorado no MIT sob a supervisão da professora Harriet Ritvo. Uma de suas últimas publicações é Aprobato Filho, "Colecionadores da beleza: a singularidade natural das borboletas em perspectiva histórica e multidisciplinar", *História, Ciências Saúde – Manguinhos* 25 no. 2 (2018): 598-600.

brasileira e os pássaros, assim como o caráter provocativo da zoogeografia, passei a me dedicar exclusivamente ao tema na investigação em andamento sobre a história dos zoológicos na América Latina, abraçando a perspectiva da história dos animais, da história ambiental urbana, assim como da história política²².

Cabral, pesquisador da história das florestas, publicou importante artigo sobre as formigas na América Portuguesa, explorando um viés não antropocêntrico. Nos encontros entre os vários atores que se movimentavam nesse território, Cabral apresenta as formigas como sujeitos a serem ouvidos, e demonstra como as interações entre elas, as populações indígenas e os colonos neoeuropeus exemplificam atitudes diversas de negociações ou de intransigência dos seres humanos. Cabral atualmente desenvolve pesquisas em que os animais emergem como ativos elementos não humanos dos processos históricos no mundo colonial português, entre 1549 e 1694²³.

Kury reuniu historiadores e um antropólogo em torno de uma obra cuidadosamente ilustrada, disposta a compreender melhor as práticas humanas em suas associações com os demais seres vivos. Nesses textos, o leitor se encontra com os animais que viveram nas aldeias indígenas do território que veio a ser o Brasil, nas representações da cultura europeia sobre a fauna nacional, em manuscritos antigos, nas coleções zoológicas brasileiras de museus europeus e norte-americanos, nos sons dos animais descritos pelos viajantes dos séculos XVIII e XIX, mas representações imaginárias da *Panthera onca*²⁴.

Sobre história ambiental com foco em insetos, mesmo que em análises mais próximas da história da agricultura do que da história dos animais, há o trabalho de Oliveira, que explora os aspectos agronômicos e simbólicos envolvidos no combate

²² Regina Horta Duarte, "Cavalinhos, leões e outros bichos: o circo e os animais", *Varia História* 26 n.26 (2002): 97-106; Duarte, "Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção", *Latin American Research Review* 41 no 1 (2006): 3-26; Duarte, "Zoogeografia do Brasil: Fronteiras nacionais, percursos pan-americanos", *Latin American Research Review* 49 no. 1 (2014): 68-83; Duarte, "Zoos in Latin America", in: William Beezley, ed. *The Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*. New York: Oxford University Press, 2017. <https://oxfordre.com/latinamericanhistory/view/10.1093/acrefore/9780199366439.001.0001/acrefore-9780199366439-e-439> Duarte, "El zoológico del porvenir: narrativas y memorias de nación sobre el Zoológico de Chapultepec, Ciudad de México, siglo XX", *Historia Crítica* 21 no 72 (2019): 93-113.

²³ Diogo de Carvalho Cabral, "O Brasil é um grande formigueiro: território, ecologia e a história ambiental da América Portuguesa", parte I, *HALAC* 3 no.2 (2014): 467-489; parte 2, *HALAC* 4 no.1 (2015): 87-113.

²⁴ Lorelay Kuri (org.), *Representações da fauna do Brasil, séculos XVI-XX* (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014).

às saúvas, flagelos da agricultura nacional, durante o período republicano²⁵. A pesquisa ainda em andamento de Fernandes sobre pragas de gafanhotos na Argentina, Brasil e Uruguai, com primeiros resultados já publicados, explora as trocas científicas e ações conjuntas de combate aos insetos pelos países citados. Extrapolando a perspectiva ambiental agrícola, suas análises abrem a possibilidade de diálogo com a história dos animais, ao apontar como os gafanhotos impunham-se como força biológica, ignorando fronteiras e movimentando-se de forma a desafiar as ações humanas de controle²⁶.

Na interface da história agrícola e ambiental, Carvalho e Oliveira exploram a modernização da suinocultura no Paraná, nas décadas de 1960-1970, esboçando o debate sobre as relações entre humanos e suínos²⁷. Hickie, Oliveira e Quinteiro, em seu estudo sobre a criação de mulas no sudeste brasileiro nos séculos XVIII e XIX, descortinam um horizonte promissor de estudos sobre um importante tema historiográfico, a história das tropas e do abastecimento. Demonstrando a importância da mula na economia, no transporte e na simbologia cultural da cultura das “tropas”, os autores colocam o animal no centro dessa história²⁸.

No campo da história ambiental urbana, Rocha investigou a historicidade das práticas de abate animal para o consumo humano de carne, no Paraná, em fins do século XIX e, mais recentemente, no doutorado em andamento sobre os matadouros

²⁵ Valéria Mara de Oliveira, “Nascidas do Sol e da Chuva: Minas Gerais e o combate às saúvas”, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, 2007. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9EFM7M> Ver ainda, da mesma autora: Oliveira, “O Brasil contra a saúva: considerações sobre a Campanha Nacional de 1935”, *Cadernos de Pesquisa do CDHIS-UFU* 23 (2010): 563-580; Oliveira, “De insetos e outros bichos no papel”, *Revista do Arquivo Público Mineiro* 51 (2015): 154-161.

²⁶ Valéria Dorneles Fernandes, “Pragas de gafanhotos: relações entre natureza e sociedade, Argentina, Brasil e Uruguai, 1890-1950. Da autora, ver: Fernandes, “Combate à praga de gafanhotos na América do Sul: diferentes técnicas apresentadas pelo Almanaque do Ministério de Agricultura de la Nación (Argentina, 1925-52)”, *Estudios Rurales* 8 no. 15 (2018): 232-256.

²⁷ Miguel Mundstock Xavier de Carvalho e Odair Oliveira, “Memórias de criadores de suínos: a modernização da suinocultura vista a partir da experiência dos criadores, Paraná”, *Revista de História Regional* 23 no. 1 (2018): 134-150. Há importantes trabalhos de brasilianistas sobre frente de expansão pastoril no Brasil. A história do gado na região sul foi pioneiramente estudada por Stephen Bell, *Campanha Gaúcha: a Brazilian Ranching System, 1850-1920* (Stanford: Stanford University Press, 1998). No estado do Mato Grosso, obra mais recente privilegia aspectos econômicos, sociais e políticos do *ranching*, focando, além do gado, jaguares, moscas e outros animais do cerrado e pantanal. Robert W. Wilcox, *Cattle in the Backlands: Mato Grosso and the Evolution of Ranching in the Brazilian Tropics* (Austin: University of Texas Press, 2017).

²⁸ Mark Hickie, Rogerio Oliveira e Mariana Quinteiro, “The Ecological, Economic, and Cultural Legacies of the Mule in Southeast Brazil”, *Society & Animals* 26 (2018): 1-20.

no Rio de Janeiro, abrindo diálogo mais específico com a história dos animais²⁹. Fonseca também partiu da questão do consumo de carne, mas seu trabalho se desenvolve entre a história do tempo presente e a história dos animais, analisando a mudança de sensibilidades desde os anos 1970, no Brasil³⁰. Com consistente sofisticação teórica, os trabalhos de Ostos sobre a história das sociedades protetoras dos animais têm assumido relevância na configuração desse campo do conhecimento no Brasil, e a apresentam como uma das historiadoras atualmente dedicadas exclusivamente a esse tema³¹.

O foco neste ensaio tem se concentrado, até agora, na produção historiográfica sobre animais, especialmente produzidas no crivo da história ambiental. É preciso ressaltar, entretanto, que outras áreas de estudo na academia brasileira têm apresentado produções relevantes. A maior contribuição vem provavelmente da antropologia, e a existência de dossiês dedicados ao tema dos animais em importantes publicações brasileiras da área de antropologia mostra como o interesse e as pesquisas aí se encontram bastante consolidados³². A antropologia no Brasil, talvez por ser uma disciplina fundamentalmente situada no desdobramento de si e na abertura ao outro, tem refletido em duas frentes que não se opõem, antes se enriquecem em diálogo constante. A questão da agencia animal “toma os animais como sujeitos, seres co-constitutivos, em suas relações, das coletividades humanas e copartícipes da vida social onde quer que ela se manifeste”. Numa segunda frente, os animais são tomados como signos ou símbolos, “objetos de um tipo muito particular por meio dos quais as sociedades humanas elaboram ideias, valores, discursos e

²⁹ Lucas Vinicius Erichsen Rocha, “Passagens e novas fronteiras dos abates: o Matadouro Municipal de Ponta Grossa e a historicidade dos espaços de matança animal centralizada” (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2015) <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/368>

³⁰ Maira Kaminski da Fonseca, “Da crueldade à libertação: análise dos níveis de sensibilidade em relação aos animais no Brasil pós década de 1970” (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018). <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189165>

³¹ Natascha Stefania de Carvalho Ostos, “Por que devemos ser bons para com os animais? A formação prática e moral dos brasileiros por meio dos discursos de proteção aos animais (1930-1939)”, *Historia Crítica* 21 no. 71 (2019):49-68; Ostos, “União Internacional Protetora dos Animais de São Paulo: práticas, discursos e representações de uma entidade nas primeiras décadas do século XX”, *Revista Brasileira de História* 37 no. 1 (2017):1-22.

³² Os dossiês sobre animais em revistas de antropologia no Brasil estão em: “Dossiê Relações humanas e animais”, *Anuário Antropológico*, 37 no. 12 (2012); “Dossiê Animais e humanos”, *Anthropológicas* 24 no. 1 (2013); *Cadernos Eletrônicos de Ciências Sociais (CADECS)* 3 no.1(2015); “Dossiê Animalidades plurais”, *R@u – Revista de Antropologia da UFSCar* 7 no.1 (2015); “Dossiê Humanos e não humanos”, *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas* 3 no. 1 (2016); “Dossiê Animais em contextos rurais e indígenas”, *Teoria & Cultura* 11 no. 2 (2016); “Dossiê Antropologia das relações humano-animal: paisagens simbólico-práticas de coexistência”, *Iluminuras* 17 no. 42 (2016); “Dossier Animals in Anthropology”, *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology* 13 no. 2 (2016).

opiniões a respeito de variados tópicos: gênero, nação, raça, parentesco, moralidade, hierarquia, escatologia”. Dentro da antropologia surgem ainda instigantes críticas à noção de não-humano – que definiria tudo além do humano pela falta dessa condição de “humano” – e à ênfase excessiva no animal como sujeito. Essa abordagem traz o risco de incorrer no individualismo já tão criticado pelas ciências humanas. O conceito de relações/interações propiciaria análises muito mais significativas do que aquelas que tomam apenas os indivíduos³³.

O pioneirismo da antropologia feita no Brasil na sua abordagem dos animais talvez possa ser explicado pelas características primordiais de um conhecimento construído em experiências etnográficas decorrentes de trabalho de campo junto às diversas e numerosas comunidades indígenas e tradicionais por todo o território. Nesses encontros com cosmologias que oferecem uma leitura diversa do mundo em que habitamos, os antropólogos acessam leituras relacionais e multinaturalistas, que lhes possibilitam repensar seus próprios valores culturais e, mais especificamente, afastar-se da tradição de antropocentrismo luso-brasileiro analisada por Sérgio Buarque em sua interpretação do Brasil.

Eduardo Viveiros de Castro, em seu livro magistral sobre os Araweté, povo de língua tupi-guarani da Amazônia oriental, no submédio Xingu, no Pará, discute como os ameríndios imaginam uma continuidade metafísica e uma descontinuidade física entre os seres do cosmos, numa ontologia integralmente relacional³⁴. Velden, em estudos recentes e realmente estimulantes, partilha resultados de sua convivência com os Karitiana, em Rondônia, analisando a relação entre povos indígenas e os *xe-r-mimbawa* – termo que remete aos animais de criação ou animais familiares³⁵. Também entre os antropólogos brasileiros tem sido intensa a leitura de autores que unem antropologia e ontologia, em debates que exigem uma perspectiva além do humano, como propõe Haraway, seja no conceito de “espécies companheiras”, seja ao lançar a

³³ Felipe Vander Velden, “Apresentação ao dossiê ‘animalidades plurais’”, *R@u* 7 no.11 (2015): 7-16.

³⁴ Eduardo Viveiros de Castro, *Araweté: os deuses canibais* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Anpocs, 1986), p. 221-228. Ver ainda Viveiros de Castro, “Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena”, in: *A inconstância da alma selvagem* (São Paulo: Cosac & Naify, 2002), p. 345-400.

³⁵ Felipe Vander Velden, *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana* (São Paulo: Alameda, 2012). Ver também seu livro mais recente, Velden, *Jóias da floresta: antropologia do tráfico de animais* (São Carlos: EdUFscar, 2018).

questão da nossa relacionalidade com o que não é humano como a “quarta ferida ao narcisismo primário”. Kohn também tem sido atentamente discutido pelos antropólogos brasileiros, na sua redefinição de noções de pensamento e representação, por sua experiência com os povos amazônicos Runa (Ecuador), num enredamento radical entre humanos e os outros seres vivos³⁶.

Voltando à análise da produção historiográfica brasileira sobre os animais, é possível constatar os primeiros sinais de sua existência, mas ainda impressiona sua incipiência. Não se pode falar de uma área de estudos estabelecida sobre história dos animais no Brasil. A alentada literatura internacional sobre esse tema vem desenvolvendo substantivas especificidades teóricas e metodológicas. Parte dos historiadores no Brasil tem abordado o tema dos animais, sem que necessariamente dialoguem de forma mais sistemática com o arcabouço reflexivo já disponível, e que estabelece conceitos, debates, cuidados e grandes desafios, num campo de pesquisa rigoroso e estimulante³⁷.

Essa ausência é ainda mais angustiante por três aspectos. Em primeiro lugar, pelo fato de o Brasil ter uma fauna nativa e aclimatada incrivelmente diversa, além de uma história calcada na participação de animais nas mais diversas atividades econômicas e nas variegadas práticas culturais, religiosas e artísticas de nossas populações, ao longo do tempo, e nos diferentes espaços do território. Em segundo lugar, pelo fato de Sérgio Buarque, um dos mais respeitados historiadores brasileiros, ter explorado magistralmente a temática das relações entre homens e animais numa de suas obras mais magistrais e impactantes, *Visão do Paraíso*, em 1956, e que tem várias e comemoradas reedições. Se a contribuição de Sérgio é sempre lembrada e discutida em variados aspectos – destaque para o conceito de “homem cordial” e sua interpretação das “raízes do Brasil” – o foco privilegiado nos animais foi

³⁶ Donna Haraway, *The Companion Species Manifesto* (Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003), Haraway, *When Species Meet* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008). As três primeiras feridas do narcisismo primário, elencadas por Jacques Derrida, seriam a copernicana, a darwiniana e a freudiana. Eduardo Eduardo Kohn, *How Forests Think: Toward an Anthropology Beyond the Human* (Berkeley: University of California Press, 2013). Sobre o impacto significativo dessa abordagem entre antropólogos brasileiros – cujas obras permanecem sem tradução para o português – ver, por exemplo, Iara Maria de Almeida Souza, “Review”, *Horizontes Antropológicos* 21 no. 43 (2015): 411-416.

³⁷ Ver: Erica Fudge, “A Left-Handed Blow: Writing the History of Animals”, in *Representing Animals*, Nigel Rothfels ed. (Bloomington: Indiana University Press, 2002): 3-18; Harriet Ritvo, “On the Animal turn”, *Daedalus* 136 no.4 (2007): 118-121; David G. Shaw, “A Way with Animals”, *History and Theory* 52 (2013): 1-12; Susan Nance, “Introduction”, in *The Historical Animal* (Syracuse: Syracuse University Press, 2015), p.1-18; Zeb Tortorici and Martha Few, “Writing Animal Histories” in *Centering Animals in Latin America* (Durham: Duke University Press, 2013), p.1-27.

surpreendentemente relegado ao esquecimento. Em terceiro lugar, a historiografia brasileira nas últimas décadas sempre esteve afinada às dinâmicas da pesquisa histórica em todo o mundo, seja pelo crescimento vigoroso das pós-graduações, seja pela ativa circulação de nossos profissionais pelos meios acadêmicos estrangeiros, seja em congressos, pós-doutorados ou estágios no exterior. Por que os historiadores brasileiros ainda permanecem pouco estimulados por esse tema? Qual a explicação dos animais seguirem quase invisíveis na história do Brasil?

RESULTADOS E DISCUSSÕES

CULTURAS DA NATUREZA – À GUIZA DE CONCLUSÃO

Em sua obra clássica de apologia à história e reflexão sobre o *metier* do historiador, Marc Bloch definiu a história como a “ciência dos dos homens no tempo”. Estaríamos a ponto de romper com essa definição, ao propor uma história dos animais? Eu diria simultaneamente que sim e que não, por dois motivos.

Em primeiro lugar, a história dos seres humanos é *também* uma história dos animais. Não há retorno da segunda ruptura narcísica, desde que Darwin scandalizou a sociedade vitoriana ao evidenciar a condição do *Homo sapiens*. Integramos a vida animal no planeta. Falar do humano implica recuperar nossa condição biológica e as dimensões materiais de nossa existência. Podemos criar miríades de práticas socioculturais e tecnológicas em torno do sexo, do nascimento, da doença, da alimentação, da morte. Mas não há como escapar do fato irreduzível de que nascemos, nos alimentamos, nos reproduzimos, e morremos. Nem mesmo nosso corpo individual é uma unidade “fechada”, como mostra Donna Haraway:

“os genomas humanos podem ser encontrados em apenas cerca de 10% da totalidade das células que ocupam o espaço mundano que chamo de meu corpo; e os outros 90% das células são recheadas com genomas de bactérias, fungos, protistas, e similares, alguns orquestrando uma sinfonia absolutamente necessária ao meu ser vivo, alguns pegando carona sem fazer dano ao resto de mim, de nós. (...) Ser um é sempre *vir a ser com muitos*”³⁸.

³⁸ Haraway, *When Species Meet*, 3-4. Livre tradução pela autora deste artigo.

Em segundo lugar, uma história que não inclui os animais omite um ponto crucial da trajetória das sociedades humanas no planeta Terra. E isso também vale, claro, para o Brasil, porque os animais sempre compuseram a vida dos seus habitantes. Muito antes da chegada dos portugueses, populações nativas relacionavam-se com a fauna na construção de visões de universo, na caça, aliança e convívio afetivo. Eram, por vezes, presas, por vezes, caçadores. Os europeus trouxeram seus animais, fascinaram-se com os que encontraram, mas também tantas vezes os desprezaram e os julgaram unicamente pela utilidade, a exemplo de Anchieta e Vieira. O gado pisoteou a terra rumo ao sertão, conquistando o território, e seu couro tornou-se matéria prima dos mais variados objetos de uso diário. Bois acompanharam o dia a dia dos engenhos de cana de açúcar e, junto com mulas e jumentos, cruzaram as montanhas e vales da região centro sul, transportando galinhas, ovos, leite, queijos, torresmos, banha. Animais integravam os inventários post-mortem preservados nos arquivos, assim como a *Historia Naturalis Brasiliae*, publicada em 1648 por Willem Piso e George MarcGraf e as obras de viajantes como Jean-Baptiste Debret. Cavalos encheram as ruas das cidades no despertar da urbanização de capitais como o Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, logo no início da República. Cães perambulavam pelas ruas, famintos e alquebrados, sensibilizando habitantes burgueses de São Paulo e do Rio de Janeiro, fundadores das primeiras Sociedades Protetoras. Pássaros enfeitaram os chapéus das mulheres elegantes. Couros de animais silvestres compuseram exportações legais e ilegais. Animais diversos povoaram os picadeiros dos circos que percorriam as pequeninas vilas do interior, mas também as coleções zoológicas do Museu Nacional e no Museu Paraense Emilio Goeldi. Invadiram as páginas literárias de autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector. Compuseram as imagens do cinema de Humberto Mauro e de Nelson Pereira dos Santos, saltaram dos traços do pincéis de Alberto Guignard e Tarsila do Amaral, dos versos dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, da música popular brasileira. Foram inimigos da Nação, causadores da malária que dizimou milhares de homens durante a construção da Ferrovia Madeira-Mamoré, na Amazônia, assim como da febre amarela que avassalou o Rio de Janeiro entre fins do século XIX e início do século XX. Formigas ameaçaram acabar com o

Brasil, caso o Brasil não fosse capaz de dar cabo delas. Corpos de animais circularam nas mesas de vivissecção, nos matadouros instalados nas cidades, nas bancas das vendas e mercados, nas receitas de sopa de tartaruga e pastel de passarinho³⁹.

Tais exemplos poderiam se estender quase indefinidamente, mas o que interessa é argumentar que nunca estivemos sozinhos. A despeito de os documentos históricos serem uma produção humana, os rastros dos animais poderão ali ser encontrados por quem se exercite em identificá-los. O que mais impressionará o pesquisador, provavelmente, será a constatação de que eles sempre estiveram ali, num ponto até então cego de sua mirada.

A tarefa de escrever ensaios historiográficos é sempre temerária e cercada de possibilidades de fracasso. Ao longo do desafio desta escrita, perseguiu-me a suspeita de que nossa relação com os animais permanece ligada à tradição luso-brasileira particularmente antropocêntrica, tributária silenciosa de heranças culturais individualistas e imediatistas, que julgávamos ter ultrapassado há tempos.

Atualmente nos deparamos com um governo eleito por 57,7 milhões de brasileiros que faz o elogio da destruição da natureza em prol do lucro imediato, adota a omissão como estratégia frente ao extermínio de populações indígenas e à destruição dos diversos *habitats* de vida silvestre por grileiros e madeireiros ilegais, lança o projeto de transformar áreas preciosas de conservação ambiental em “Cancuns” brasileiras, defende o garimpo como caminho para o “progresso”, decreta a liberação do plantio de cana de açúcar em áreas preciosas como o Pantanal Matogrossense e Amazônia.

Guillermo Castro ressalta a importância de cultivar uma “cultura da natureza”, que explore “la formación de lo ambiental como objeto de conocimiento autónomo, que emerge de la valoración crítica del impacto de las interacciones entre los sistemas sociales y naturales, y de sus consecuencias para nuestras sociedades y

³⁹ R.C.M. *O cozinheiro imperial* (Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1840), 13,173,

nuestro entorno natural”⁴⁰. Além da postura de “quem vier depois que se arranje”,⁴¹ quais práticas diferentes dessa integraram a história da sociedade brasileira ao longo dos séculos? Quais outras podemos sonhar construir no presente e fazer prosperar no futuro?

Em seu *Sermão de Santo Antônio*, Vieira lançou mão de um recurso retórico ao dirigir-se aos peixes, fingindo adotar uma atitude que julgava no limite do absurdo. Mas voltar-se para os animais como estratégia para falar aos seres humanos talvez não seja algo tão delirante assim. É mais do que tempo para que os historiadores brasileiros abram seu campo de observação e escuta para os animais, e rompam de vez o injustificável silêncio que ainda predomina sobre eles.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece aos organizadores do dossier, aos pareceristas anônimos, ao CNPq e FAPEMIG. Natascha Ostos e Tom leram os originais, e contribuíram com importantes sugestões.

REFERENCIAS

Anchieta, Padre José de. *Carta de São Vicente*, 1560. São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, Instituto Florestal, Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, UNESCO, 1997.

Aprobato Filho, Nelson. “Colecionadores da beleza: a singularidade natural das borboletas em perspectiva histórica e multidisciplinar”, *História, Ciências Saúde – Manguinhos*, 25, no. 2 (2018): 598-600.

Aprobato Filho, Nelson. “O couro e o aço: sob a mira do moderno, a ‘aventura’ dos animais pelos ‘jardins’ da Paulicéia, final do século XIX, início do XX”. PhD dissertation, Universidade de São Paulo, Brasil, 2007.

Araújo, Andrea de, e Sathyabama Chellappa, “Estratégia reprodutiva do peixe voador, *Hirundichthys affinis* Günther”, *Revista Brasileira de Zoologia*, v. 19, no 3 (2002): 691-703.

⁴⁰ Guillermo Castro Herrera, “José Martí: para una cultura latinoamericana de la naturaleza”, *Polis* 7 (2004):1-6.

Para vários textos de Guillermo Castro que exploram a noção de “cultura de la naturaleza”, ver <http://culturadelanaturaleza.wordpress.com/>

⁴¹ Provérbio popular, mencionado por Warren Dean em sua obra sobre a Mata Atlântica, como exemplo do predomínio de uma atitude imprevidente e predatória em relação ao meio natural, na história do Brasil.

Dean, *A ferro e fogo, a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), 9.

Bell, Stephen. *Campanha Gaúcha: a Brazilian Ranching System, 1850-1920*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

Benjamin, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Cabral, Diogo de Carvalho. “O Brasil é um grande formigueiro: território, ecologia e a história ambiental da América Portuguesa”, parte I, HALAC 3 no.2 (2014): 467-489; parte 2, HALAC 4, no.1 (2015): 87-113.

Capistrano de Abreu, João. *Capítulos de História Colonial*, 5a ed. Brasília: Editora UnB, 1963.

Carvalho, Miguel Mundstock Xavier de, e Odair Oliveira. “Memórias de criadores de suínos: a modernização da suinocultura vista a partir da experiência dos criadores, Paraná”, *Revista de História Regional* 23 no. 1 (2018): 134-150.

Castro Herrera, Guillermo. “José Martí: para una cultura latinoamericana de la naturaleza” *Polis* 7 (2004): 1-6.

Certeau, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Dean, Warren. *A ferro e fogo, a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Duarte, Regina Horta. “Cavalinhos, leões e outros bichos: o circo e os animais”, *Varia História* 26, n.26 (2002): 97-106.

Duarte, Regina Horta. “El zoológico del porvenir: narrativas y memorias de nación sobre el Zoológico de Chapultepec, Ciudad de México, siglo XX”, *Historia Critica* 21 no 72. (2019): 93-113.

Duarte, Regina Horta. “Nature and Historiography in Brazil”, *Iberoamericana América Latina, España, Portugal* 3. no 10 (2003): 23-36.

Duarte, Regina Horta. “Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção”, *Latin American Research Review* 41, no 1 (2006): 3-26.

Duarte, Regina Horta. “Zoogeografia do Brasil: Fronteiras nacionais, percursos pan-americanos”, *Latin American Research Review* 49 no. 1 (2014): 68-83.

Duarte, Regina Horta. “Zoos in Latin America”, in: William Beezley (ed.). *The Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*. New York: Oxford University Press, 2017.

Dutra, Eliana, e Yonne Grossi. “Historiografia e movimento operário: o novo em questão”, *Revista Brasileira de Estudos Políticos* 65 (1988): 77-108.

Fernandes, Valeria. “Combate à praga de gafanhotos na América do Sul: diferentes técnicas apresentadas pelo Almanaque do Ministério de Agricultura de la Nación (Argentina, 1925-52)”, *Estudios Rurales* 8 no. 15 (2018): 232-256.

Fonseca, Maira Kaminski da. “Da crueldade à libertação: análise dos níveis de sensibilidade em relação aos animais no Brasil pós década de 1970”, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

Fudge, Erica. “A Left-Handed Blow: Writing the History of Animals”, in *Representing Animals*, Nigel Rothfels ed. Bloomington: Indiana University Press, 2002, p.3-18.

Furtado, André. *Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado*, PhD Dissertation, Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

Gomes, Angela de Castro. “Questão social e historiografia no Brasil pós-80: notas para um debate”, *Estudos Históricos* 34 (2004): 157-186.

Haraway, Donna. *The Companion Species Manifesto*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

Haraway, Donna. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

Hickie, Mark, Rogerio Oliveira, e Mariana Quinteiro, “The Ecological, Economic, and Cultural Legacies of the Mule in Southeast Brazil”, *Society & Animals* 26 (2018): 1-20.

Holanda, Sérgio Buarque de. *A época colonial, do descobrimento à expansão*. História Geral da Civilização Brasileira, tomo I, vol. 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras* 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Monções* 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso* 6a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Kuri, Lorelay (org.), *Representações da fauna do Brasil, séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.

Kohn, Eduardo. *How Forests Think: Toward an Anthropology Beyond the Human*. Berkeley: University of California Press, 2013.

Lima, Luiz Costa. “Sérgio Buarque de Holanda: Visão do Paraíso.” *Revista USP* no 53 (2002): 42-53. Reis, José Carlos. “Sérgio Buarque de Holanda: a superação das raízes ibéricas” in *As Identidades do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.115-143.

Lino, Clayton Ferreira. “Prefácio” in Padre José de Anchieta, *Carta de São Vicente*, 1560. São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, Instituto Florestal, Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, UNESCO, 1997), p.7-8.

Martinez, Paulo Henrique. *A dinâmica de um pensamento crítico*: Caio Prado Jr. São Paulo: Edusp, 2008.

Martins, Renato. *Tradição, modernidade e a história das Américas em Visão do Paraíso*, PhD Dissertation, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

Mello Leitão, Cândido. “Os jesuítas e a biologia no Brasil – conferência na Academia Brasileira de Ciências, no IV Centenário da Companhia de Jesus”, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1940.

Mugge, Ernani, e Daniel Conte. “Sermão de Santo Antônio aos peixes, ou a metáfora do imaginário colonial português”, *Navegações*, v. 10, no 2 (2017): 131-140.

Nance, Susan. *The Historical Animal*. Syracuse: Syracuse University Press, 2015.

Oliveira, Valéria Mara de. “De insetos e outros bichos no papel”. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 51 (2015): 154-161.

Oliveira, Valéria Mara de. “Nascidas do Sol e da Chuva: Minas Gerais e o combate às saúvas”, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, 2007.

Oliveira, Valéria Mara de. “O Brasil contra a saúva: considerações sobre a Campanha Nacional de 1935”, *Cadernos de Pesquisa do CDHIS-UFU* 23 (2010): 563-580.

Oliveira, Valéria, Nelson Fontoura, e Luciano Muntag. “Reproductive characteristics and the weight-length relationship in *Anableps anableps* (Linnaeus, 1758) (Cyprinodontiformes: Anablepidae) from the Amazon Estuary”, *Neotropical Ichthyology*, v. 9, no 4 (2011): 757-766.

Ostos, Natascha Stefania de Carvalho. “Por que devemos ser bons para com os animais? A formação prática e moral dos brasileiros por meio dos discursos de proteção aos animais (1930-1939)”, *Historia Critica* 21 no. 71 (2019): 49-68.

Ostos, Natascha Stefania de Carvalho. “União Internacional Protetora dos Animais de São Paulo: práticas, discursos e representações de uma entidade nas primeiras décadas do século XX”, *Revista Brasileira de História*, 37 no. 1 (2017): 1-22.

Paoli, Maria Celia . “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe na história operária brasileira”, in *Anais do Encontro da Associação Brasileira de Antropologia*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1982, p.16-65.

Pécora, Alcir. *Teatro do sacramento*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

Plumwood, Val. *Environmental Culture: The Ecological Crisis of Reason*. New York: Routledge, 2002.

Plumwood, Val. *Feminism and the Mastery of Nature*. New York: Routledge, 1993.

Plumwood, Val. “Being Prey”, *Terra Nova* 1, no. 3 (1996): 32-44.

Prado Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo, 1942*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

R.C.M. *O cozinheiro imperial*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1840.

Rocha, Lucas Vinicius Erichsen. “Passagens e novas fronteiras dos abates: o Matadouro Municipal de Ponta Grossa e a historicidade dos espaços de matança animal centralizada”, Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2015.

Shaw, David G. “A Way with Animals”, *History and Theory* 52 (2013): 1-12.

Souza, Iara Maria de Almeida. “Review”, *Horizontes Antropológicos* 21 no. 43 (2015): 411-416.

Tortorici, Zeb and Martha Few. *Centering Animals in Latin America History*. Durham: Duke University Press, 2013.

Vainfas, Ronaldo. *Antonio Vieira: jesuíta do rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Vander Velden, Felipe. *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda, 2012.

Vander Velden, Felipe. “Apresentação ao dossiê ‘animalidades plurais’”, *R@u* 7 no.11 (2015): 7-16.

Vander Velden, Felipe. *Jóias da floresta: antropologia do tráfico de animais*. São Carlos: EdUFscar, 2018.

Viveiros de Castro, Eduardo. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Anpocs, 1986.

Viveiros de Castro, Eduardo. “Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena”, in: *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002), p. 345-400.

Walker, Brett L. “Animals and the Intimacy of History”, in *The Oxford Handbook of Environmental History*, Andrew G. Isenberg ed, 52-75. New York: Oxford University Press, 2014.

Wegner, Robert. *A conquista do Oeste, a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

Wilcox, Robert W. *Cattle in the Backlands: Mato Grosso and the Evolution of Ranching in the Brazilian Tropics*. Austin: University of Texas Press, 2017.

Animal History in Brazil: cultural traditions, historiography and transformation

ABSTRACT

This essay aims to present the state of the art of animal studies conducted by historians in Brazil. Sérgio Buarque de Holanda identified a Luso-Brazilian cultural tradition, in which a relationship of extreme unpredictability and anthropocentrism prevailed in relation to the natural world and, consequently, to animals, since the first years of the territory's colonization. Given the innovative character of some of Sérgio Buarque's approach to animals, and the acknowledged importance of this historian, it is surprising that this aspect was obscured by Brazilian historiography between the 1960s and 2000s. In recent years, animals have invaded the horizon of interest to historians. However, one cannot yet speak of really well established field of animal studies in Brazilian historiography. The conclusion discusses the possible reasons for this gap.

Keywords: Animal history, Brazilian historiography, Sérgio Buarque de Holanda.

Recebido: 30/05/2019

Aprovado: 10/11/2019